

A história conceitual de Reinhart Koselleck ^{1*}

JULIO BENTIVOGLIO¹
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: Este artigo analisa a história conceitual de Reinhart Koselleck ao indicar seus principais postulados e revela como o estudo dos conceitos remete a uma verdadeira teoria da história baseada no recurso à hermenêutica, na problematização da historicidade e na reflexão sobre a experiência humana.

Palavras-chave: Teoria da história; História Conceitual; Reinhart Koselleck.

Abstract: This article reviews the conceptual history of Reinhart Koselleck to indicate their main assumptions and reveals how the study of the concepts sends a true theory of history based on the use of hermeneutics, questioning the historicity and reflection about the human experience.

Keywords: Theory of History; Conceptual History; Reinhart Koselleck.

1

Pretoendo esboçar em breves apontamentos a contribuição de Reinhart Koselleck (1923-2006) para a superação da tradicional História das Idéias, um campo de estudos que remonta ao século XVIII, apresentando alguns postulados fundamentais de suas reflexões em torno da *Begriffsgeschichte* ou História Conceitual. Pode-se dizer que atualmente as pesquisas relacionadas à História das Ideias se dividem, sobretudo, em duas abordagens fundamentais: a collingwoodiana da Escola de Cambridge e a koselleckiana da Escola de Bielefeld. Enquanto no apogeu da modernidade a filosofia da história iluminista fazia profissão de fé no binômio razão-progresso, de modo que as idéias se tornaram um objeto privilegiado de acesso à

^{1*} Artigo submetido à avaliação em fevereiro de 2010 e aprovado para publicação em março de 2010.

História, no século XX elas foram problematizadas por meio do debate entre Robin Collingwood (1889-1943) e Arthur Lovejoy (1873-1962). O cerne da discussão residia no problema da invariabilidade das ideias defendido na história intelectual deste último.

Partindo da premissa de que existe uma relação visceral entre História e linguagem, e reconhecendo a mutabilidade das palavras, Koselleck realizou subsídio decisivo a este debate inaugurando uma abordagem sobre a História das Idéias que se funde a uma verdadeira teoria da história. E a desenvolve a partir de alguns aspectos basilares: o problema da consciência histórica, sua articulação por meio do conceito de experiência e fazendo recurso à hermenêutica filosófica que integrados perfazem uma História Social dos Conceitos. O ponto alto de sua contribuição foi demonstrar os vínculos existentes entre o pensamento social ou político e os sujeitos, por um lado e como se dá o amálgama entre as expressões de determinadas consciências históricas por outro, que expressam o quanto o conhecimento histórico pode tematizar as condições de possibilidade de histórias e a própria existência humana (Koselleck, 1997, p. 68).

A História das Idéias é um dos campos mais antigos da historiografia, afinal desde os primórdios deste saber, ontologicamente, já se inquiria sobre a presença das idéias no tempo. Neste longo percurso, lentamente surgiu a constatação de que os conceitos ou as idéias não deveriam ser tratados exclusivamente como expressões da ideologia tal como deseja o marxismo, como meras representações à moda dos *Annales*, ou ainda como o resultado de determinadas relações discursivas como desejou Michel Foucault. Embora estas referências sejam significativas ao campo em tela, a complexidade do pensamento e o recurso às idéias deixavam sempre entreaberta a possibilidade de novas abordagens. A virtude de Koselleck, neste sentido, foi a de atentar para a historicidade dos conceitos e do pensamento sócio-político, vinculando-os à realidade social e à compreensão hermenêutica. Com isso, valorizou a dinâmica e a existência de significados aparentemente diversos dentro de uma mesma época e até em um mesmo grupo social e, de igual modo, explicitou o caráter formativo e pragmático da constituição e do uso das idéias na História.

2

O enfoque collingwoodiano da Escola de Cambridge tem dois pensadores fundamentais: Quentin Skinner e John Pocock.² Um dos maiores feitos deste grupo foi o de promover

[...] uma total revisão das abordagens mais influentes do estudo da história do pensamento político que [...] incorrem no erro freqüente de projetar expectativas do presente sobre o estudo dos autores do passado, produzindo interpretações que não correspondem ao que esses autores de fato pretenderam comunicar através de seus escritos. Skinner chama essas variantes [...] de mitologias da história do pensamento (Jasmin, 2006, p. 15).

Outra realização notável foi a de

[...] oferecer uma alternativa metodológica às variantes da história do pensamento contaminadas com as mitologias do presentismo. Isso é feito através da apropriação da teoria dos atos de fala, advinda da filosofia da linguagem (Jasmin, 2006, p. 15).

Mas, enquanto esta corrente anglo-saxã parte da Filosofia da Linguagem e sobretudo da teoria dos *speech acts*, a História Conceitual ampara-se na hermenêutica filosófica alemã e no recurso à compreensão. Isso não elide, contudo, influências comuns, como a referência à teoria weberiana da ação social e também algumas premissas do historicismo oitocentista. Para Skinner e para Pocock o importante é perceber como se produz o significado, seja através da coerência entre discurso, ação e entendimento provocado como quer o primeiro, seja por meio das supressões e silêncios propositais, tal como deseja o segundo. Pocock sinaliza ainda a existência de variadas linguagens políticas que podem coexistir numa mesma sociedade e que são adotadas ou não pelos grupos. Enquanto Skinner volta-se mais para Austin (1911-1960) (1990), Pocock refere-se mais à Saussure (1857-1913). À compreensão que

identificava as idéias ao real, por meio da fixação de sentidos que eram portados e expressos pelos indivíduos, Skinner propõe outra mais elástica, a fim de se conhecer o vocabulário político de uma época para poder situar com maior precisão esta relação entre os textos e a ação social. Skinner procura analisar o entendimento construído pelos atos de fala a partir da definição de contextos e significados compartilhados, ou seja, mediante certas normas e convenções (Jasmin, 2005, p. 28). Pocock, por sua vez, enfatiza a existência de várias linguagens políticas em meio a uma tessitura repleta de performances discursivas. É inegável a existência de alguns pontos de convergência entre algumas destas posturas com o enfoque koselleckiano, sobretudo na ênfase sobre a contextualização dos sujeitos e dos significados dos conceitos em diferentes espaços sociais.

Os fundamentos da História Conceitual podem ser detectados em sua reação a um princípio do Iluminismo e do historicismo que toma as idéias em sua positividade, entendendo-as como uma existência objetiva, constitutiva da própria História. Basta lembrar nesse sentido as falas de Humboldt (1767-1835) ou de Ranke (1795-1886), por exemplo; para eles as idéias eram uma realidade histórica, única e singular que se materializava no tempo e no espaço. Diferentemente de Skinner ou Pocock, Koselleck não se refere a discursos ou a linguagem, pois, coloca ênfase nas palavras e em sua historicidade, tal como são utilizadas em diferentes momentos, por diferentes atores.

Koselleck chama a atenção para a importância da análise lingüística e semântica na investigação das variadas dimensões do mundo social em diferentes épocas. Segundo o autor, o estudo dos conceitos e da variação dos seus significados ao longo do tempo é uma condição básica para o conhecimento histórico. Koselleck denomina História dos Conceitos o procedimento que permite apreender o complexo processo de ressignificações de alguns conceitos ao longo do tempo. Mais do que um método a ser aplicado ou uma disciplina autônoma, a História dos Conceitos seria um instrumento complementar e necessário para a interpretação histórica (Kirschner, 2007, p. 49).

Para Koselleck os conceitos não devem ser jamais tomados como um sistema textual autônomo, mas sempre relacionados a uma dada realidade social, a serviço da compreensão histórica. Afinal,

Para poder viver, o homem, orientado pela compreensão não pode senão transformar a experiência da história em algo com sentido, ou, em outras palavras, assimilá-la hermeneuticamente (Koselleck, 1997, p. 69).

Fica evidente que para o historiador alemão História Conceitual e Teoria da História caminham juntas, fazem parte do esforço hermenêutico dos sujeitos históricos de darem sentido à sua própria existência. Para se apoderarem da realidade, os homens necessitam dos conceitos e, por meio das experiências vividas e transformações sofridas, empreendem ações que se projetam no tempo e no espaço determinantes para sua autocompreensão. Na introdução que Koselleck faz ao *Lexikon* ele diz que a História Conceitual é:

[...] antes de tudo, um método especializado da crítica textual exigido pela necessidade de compreender o significado pretendido de palavras em sua configuração para os contemporâneos [...]. Como tal, ela contribui para o estudo da história social e política e depende, por sua vez, de uma clara compreensão do contexto social e político (*apud* Sheehan, 1978, p. 314).

3

A história conceitual alemã surgiu no final dos anos 1960 com Otto Brunner (1898-1982), Werner Conze (1910-1986) e Reinhart Koselleck, quando este deixava a condição de discípulo para assumir a liderança do movimento. Ela se erigiu em torno da produção de duas obras fundamentais: *Geschichtliche Grundbegriffe - Historisches Lexikon zur politisch-sozialen Sprache in Deutschland* (*Conceitos básicos de história – um dicionário sobre os*

princípios da linguagem político-social na Alemanha) publicado em Stuttgart entre 1972-1997 em nove volumes (Conze *et al.*, 2002) e o *Handbuch politisch-sozialer Grundbegriffe in Frankreich 1680–1820* (*Manual de conceitos político-sociais na França – 1680-1820*), iniciado em Munique (Reichardt & Lüsebrink, 1985). Além de Koselleck, pode-se dizer que o filósofo Joachim Ritter (1903-1974) e o sociólogo Erich Rothacker (1888-1965) foram figuras decisivas para o surgimento da história conceitual. O primeiro por sublinhar a necessidade de uma filosofia prática que realizasse uma hermenêutica do mundo histórico e não se apartasse da subjetividade interior presente nas relações interpessoais, o segundo, doutor pela Universidade de Tübingen que ao redigir uma tese sobre o historiador Karl Lamprecht, já salientava o estudo do conflito do homem consigo mesmo, sob uma perspectiva antropológica e histórico- cultural.

Em seu *Richtlinien für das Lexikon politisch-sozialer Begriffe der Neuzeit* (*Orientações para o léxico de conceitos político-sociais da modernidade*) de 1967, Koselleck já havia sinalizado alguns pressupostos da agenda do grupo:

- 1) Até que ponto é comum o uso do conceito?
- 2) Seu sentido foi objeto de disputa?
- 3) Qual o espectro social de seu uso?
- 4) Em que contextos históricos aparece?
- 5) Com que outros termos aparece relacionado, seja como complemento ou como oposição?
- 6) Por quem é utilizado, com que propósitos e a quem se dirige?
- 7) Por quanto tempo esteve em uso?
- 8) Qual é o valor do conceito na estrutura da linguagem política e social da época?
- 9) Com que outros termos se sobrepõe?
- 10) Converte com o tempo com outros termos? (Koselleck, 1967:81-9)

Na introdução do *Geschichtliche Grundbegriffe* (*Conceitos básicos de história*) os organizadores reconhecem a necessidade de um novo aporte para a História das Idéias, que refutasse a leitura tradicional construída no século

XIX e início do século XX e profundamente enraizada na *topoi* clássica, na qual os conceitos, sobretudo aqueles políticos constituídos a partir do século XVIII teriam um significado que não requeria tradução, visto assumirem um significado estável (Conze et al, 1971, v.1:XV).

Aqui residem alguns fundamentos que marcam a História Conceitual: a preocupação hermenêutica e a ênfase sobre a historicidade das palavras e sua pertença à História Social. Ao remeter-se às condições, às possibilidades e aos usos das idéias, Koselleck vai ao encontro do pensamento de Wilhelm Dilthey (1833-1911), que entre o final do século XIX e início do século XX levou adiante a tarefa kantiana, ao promover uma crítica da razão histórica, embora a gênese desta tenha se esboçado antes, na *Historik* de Johann Gustav Droysen (1808-1884)

A revolução copernicana nas ciências do espírito se traduziu em conseguir justificar como é possível fixar em conceitos estáticos e recorrentes o que é por essência mobilidade e mudança permanente. Os conceitos, assevera Dilthey, resultam de representações em marcha, fixações no pensamento daquele que é, em si mesmo, percurso ou direção de movimento (Palti, 2003, p. 11).

Para Jörn Rüsen, o projeto de Conze, Hintze e Koselleck tem

[...] seu paradigma no dicionário de “conceitos históricos básicos” (*geschichtliche Grundbegriffe*), que reivindicou um estatuto especial dentro dos estudos históricos [...] [eles] podem ser tomados como um reflexo tanto do programa quanto dos sintomáticos pontos fortes e fracos desta abordagem histórica. Os dezoito ensaios são divididos em duas partes: a primeira trata das possibilidades “e dos limites de uma história sócio-política dos conceitos” e o segundo da “teoria e prática histórica” (Rüsen, 1982, p. 326).

Ou seja, Rüsen chama a atenção para o fato de os idealizadores do grande dicionário reconhecerem que os conceitos básicos individuais não

deveriam ser o centro das atenções, mas os discursos, nos quais é possível articular significados mais precisos dos conceitos em meio à ação social. Ele destaca o diagnóstico feito por Gumbrecht em seu artigo, de que a *Begriffsgeschichte* tem como meta a “realidade social”, embora a questão seja complexa, pois a realidade histórica é mais do que simplesmente o homem ou a interpretação que ele faz de si mesmo e de seu mundo passado (*apud* Rüsen, 1982, p. 328).

O desenho do projeto koselleckiano faz, contudo, uma alteração sensível na perspectiva adotada por Dilthey visto sintonizar o individual e o coletivo a partir da consciência histórica. Ele se afasta também do otimismo ético conservador de Droysen que vê na História a realização teleológica de poderes éticos (justiça, liberdade) cujo significado é latente e perene ao longo do tempo. Assim, desloca a dimensão da experiência particular (*Erlebnis*) para o campo das experiências compartilhadas (*Erfahrung*) e desconsidera significados preexistentes e imutáveis subjacentes ao pensamento e ação humanos. Eis, por exemplo a posição de Dilthey

Tudo se encontra sustentado em um nexo por força interna e o limite externo resultante da determinação da existência singular e da conseguinte persistência da conexão adquirida. Em tudo, portanto, atua em seu curso o mesmo ser. Em tudo encontramos a mesma limitação de possibilidade e, também, a liberdade de eleição [...]. Denomino desenvolvimento a esta conexão no curso da vida, determinada internamente e que condiciona a entrega a incessantes mudanças. Este conceito é diferente ao das fantasias especulativas de uma marcha para etapas sempre superiores (Dilthey, 1978, p.170).

Temos, portanto, mais algumas pistas para compreender o projeto da História Conceitual. Em primeiro lugar o problema da consciência histórica de Dilthey e da linguagem, tal como para Schiller (1759-1805) ou Humboldt. A estes, juntam-se o giro lingüístico promovido por Gadamer (1900-2002) e a referência à historicidade de Heidegger (1889-1976). Em relação a este último, vislumbra-se a preocupação de Koselleck em subsumir

os indivíduos ao tempo, revelando como a historicidade se constitui a partir da interconexão de vivências isoladas e cujo desenho não segue nenhum projeto ou fim definível *a priori*. Não por acaso em seu *Sobre a necessidade da teoria na disciplina da História* sublinhou a importância da historicidade na proposição de uma teoria da história e de uma metahistória que fossem capazes de reconhecer a permanência, mas sobretudo a mudança na temporalidade, como uma condição da possibilidade de histórias (Koselleck, 2002, p. 2)

O mundo é sempre interpretado a partir de linguagem, mas Koselleck fará uma distinção radical entre a História das Idéias da História Conceitual. Na primeira, história e idéias possuem apenas um vínculo externo tendendo a uma existência estática. São eternas, sua aparição ou desaparecimento marcam somente uma circunstância externa. Uma história das Idéias não nos diz nada do significado destas ou sobre as alterações semânticas ocorridas. Mas quando uma idéia se converte em conceito, a totalidade dos contextos de experiência e significados sóciopolíticos aparece. Na medida em que concentra experiências históricas e articula redes de sentido, o conceito assume um caráter essencialmente plural. Incorpora-se, portanto, em sua abordagem tanto elementos sincrônicos e diacrônicos que conferem maior plasticidade e realismo à história dos conceitos, algo inexistente na História das Idéias. Outra característica fundamental dos conceitos é o fato de transcenderem de seu contexto original e a capacidade de se projetarem no tempo e no espaço.

Embora a linguagem tenha um papel fundamental para a compreensão dos conceitos, Koselleck se afasta de seu mestre Gadamer ao enfatizar a irredutibilidade da experiência histórica à linguagem, posto que embora a História Conceitual supere e transcenda a História Social muitas vezes lhe conferindo sentido, ela jamais a esgota. Diferentemente do hermeneuta, o historiador

[...] procede de outro modo: serve-se basicamente dos textos somente como testemunhos para averiguar a partir deles uma realidade existente além dos textos. Por conseguinte, tematiza mais que todos os exegetas de textos um estado de coisas que é, sobretudo, extratextual, mesmo quando ele constitua sua realidade apenas com meios lin-

güísticos [...] Escrever a história de um período significa fazer enunciados que não puderam ser feitos nunca neste período (Koselleck, 1997, p. 91).

O grande desafio do projeto da história conceitual foi demonstrar como um conceito se volta contra seus próprios pressupostos, ou em outras palavras, quando surgem as mudanças nos significados em torno dos conceitos. Um conceito não é inalterável, não é um centro fixo e estável, mas deve ser entendido como um objeto imerso na temporalidade e na linguagem. Segundo Koselleck,

Há processos históricos que escapam a toda compensação ou interpretação lingüísticas. Este é o âmbito para o que a *Historik* se dirige, ao menos teoricamente, e que a distingue, mesmo quando pareça ser abraçada pela hermenêutica filosófica (Koselleck, 1997, p. 93).

O desafio está em equalizar a inexistência das determinações, que, portanto, são sempre entendidas apenas como determinações relativas, por conta da suposição de um caráter criativo da ação subjetiva. Este é um dos pontos centrais da *Begriffsgeschichte*, ou seja, a relação dialética entre criação e determinação. Para Koselleck, existe uma eterna contradição entre estruturas objetivas de determinação de longo prazo que limitam e submetem o leque possível de atitudes e orientações históricas dos sujeitos. Como resolvê-las? Para ele, existem duas possibilidades. A primeira leva em conta a pluralidade dos atores históricos envolvidos e sua capacidade de criar. A segunda parte da existência do esquecimento. O tema do esquecimento que já havia sido posto por Ditley assume no projeto da História Conceitual uma dimensão importante. Certos conteúdos conceituais não são apenas modificados, são mesmo esquecidos em meio a diferentes gerações, perdendo-se na memória coletiva elementos da experiência anterior.

4

O conjunto de estudos promovidos pela História Conceitual, que engloba o período entre 1750 e 1850 contém uma chave para se compreender a própria origem e o sentido modernidade. A rigor entre 1750 e 1850 configura-se para Koselleck um *Sattelzeit*, um tempo de aceleração, um tempo de modernidade. Trata-se de um momento de alteração radical da consciência histórica, expressado, por exemplo, na querela entre antigos e modernos, que reavaliou a tradição do pensamento social e político e urdiu novos projetos e expectativas em relação ao futuro. Para Koselleck esta mutação pode ser detectada, por exemplo, no próprio horizonte da História que, de *magistra vitae* deixa de ser *Historie* para se converter em *Geschichte*.³ Ou seja, a crise no conceito revela uma nova perspectiva para o conhecimento do passado, que através da crítica foi responsável pelo surgimento da ciência histórica moderna. A noção de progresso ou de experiências exemplares do passado deu lugar à percepção de coexistência infinita de temporalidades relativas e de experiências e reconhecimentos variados na contemporaneidade. *Sattelzeit* corresponde a um distanciamento entre o espaço da experiência e o horizonte de expectativas, fazendo com que o sujeitos históricos projetem cada vez mais ao futuro a possibilidade de construção de novos tirocínios.

O pressuposto implícito (que é, em definitivo, aquele sobre o qual pivoteam todas as filosofias neokantianas da história) é o que da presença de um ser subjacente às estruturas, formas ou sistemas de organização, que preexiste aos mesmos e serve de suporte à temporalidade. Há, ademais, uma diferença fundamental entre este conceito de ser do sujeito e o próprio da Ilustração (Palti, 2003, p. 23).

De modo semelhante a Braudel (1902-1985), Koselleck também divide a experiência do tempo na História em três dimensões. O primeiro é o curto prazo, onde se experimenta a sucessão imediata dos fatos, o segundo é o médio prazo que expressa uma experiência geracional que reconhece determinados padrões ou recorrência nos fenômenos e, por fim, as gerações. Esta percepção do tempo se reflete até mesmo nos modos de escrever a história: o

primeiro tipo é o da história que registra acontecimentos como a de Heródoto (484- 425 a.C.), o da história que se desenvolve como a de Políbio (203-120 a.C.). e o da história que se reescreve de Tucídides (460-395 a.C.).⁴ Como indica Hayden White, para Koselleck “o processo histórico é formado por um tipo distintivo de temporalidade daquele encontrado na natureza. Essa temporalidade é multinivelada e se dirige a ritmos diferenciados de aceleração e desaceleração e funções não apenas como a de matriz na qual os eventos históricos acontecem (White *apud* Koselleck, 2002, p. 12).

Cabe agora definir o que Koselleck entende por experiência. Para ele

Há tempos históricos que ultrapassam a experiência de indivíduos e gerações. Neste caso se trata de estratos de experiência que estavam disponíveis antes das gerações contemporâneas e que seguirão atuando muito provavelmente depois das gerações contemporâneas (Koselleck, 2003, p. 41).

Seguindo os passos de Jacob Grimm (1785-1863), Koselleck questiona também a noção muitas vezes neutralizada que limita a experiência a uma percepção sensível e presencial atual. O experimentado torna-se o real para esta perspectiva, desconsiderando-se a atividade intelectual anterior. Mas, ao contrário a experiência implica a síntese entre percepção e investigação do real. Também ela é dinâmica, tal como a memória. Koselleck divide esse processo em três tipos de aquisição de experiência: por meio da surpresa, que ele denomina de experiência originária; por meio da sucessão, quando se evidencia a repetição e a acumulação; e, por fim, por meio da adaptação, quando as experiências armazenadas são modificadas ou esquecidas, tornando-se diferentes do eram anteriormente (Koselleck, 2003, p. 50-1). Assim, tanto “os acontecimentos singulares, surpreendentes evocam experiências que dão lugar a histórias, como as experiências acumuladas ajudam a estruturar com o tempo as histórias” (Koselleck, 2003, p. 53).

E como se trata de um pensador cuja obra revela a todo instante a coerência de um verdadeiro sistema, em que certos pressupostos possuem sempre uma articulação mais geral, pode-se dizer que também a experiência em relação aos conceitos segue este mesmo princípio. Com efeito, a existência

dos conceitos se manifesta por meio de três operações análogas à da produção de experiências: conceitos podem ser registrados em seu surgimento original, podem ser continuados por meio de sua reprodução ou reescritos. Também aqui há um nexos com relação à temporalidade: curta, média e longa duração. Neste ponto Koselleck se afasta de um certo tipo de historicismo que preconiza o exercício de registrar experiências originárias e singulares como se fossem únicas, desconsiderando a continuidade e a sucessão.

Novamente nos colocamos diante de duas posições, uma sincrônica e outra diacrônica, cujas conseqüências para a história são:

Toda história, tanto do presente como do passado, pode se reduzir às experiências primárias das gerações que vivem em cada momento. Neste caso a história não seria outra coisa que a história reescrita em cada momento, na medida que pode se confirmar pela própria experiência (...) O resultado seria um relativismo conseqüente, que reivindica o caráter absoluto da própria interpretação, mas que, por experiência, há de ser necessariamente superada. A outra resposta deixaria o peso da prova na história imanente dos métodos. Sem dúvida, os métodos que uma vez se formulam são examinados racionalmente, cabe abandoná-los ou corrigi-los, de modo que graças às especificações e modificações metodológicas leva-se a cabo um progresso cognitivo acumulado (Koselleck, 2003, p. 80).

Com estes apontamentos, vislumbra-se a contribuição decisiva de Koselleck na formulação não somente de uma corrente, a História dos Conceitos, mas sobretudo de uma verdadeira Teoria da História que pensa a produção da história, sua experiência e sua escrita. Curiosamente, Koselleck dirá que as melhores obras de história foram escritas por desterrados, exilados ou derrotados:

A mudança história se alimenta dos vencidos. Na medida em que estes sobrevivem, fazem a experiência insubstituível de todas as histórias que podem discorrer

de maneira diferente da que desejam os afetados. Esta experiência única não é elegível nem se pode repetir. Mas pode ser elaborada buscando os motivos que perduram a médio e longo prazo, quer dizer, que são repetíveis (Koselleck, 2003, p. 92).

É inegável o avanço operado, no sentido de superar a velha História das Idéias e também a chamada História Intelectual não somente da e na Alemanha; conectando-a a uma perspectiva hermenêutica e social, atenta para as realidades lingüísticas e extralingüísticas que constituem o pensamento social as ações humanas. Koselleck demonstra que sem conceitos não poderia haver sociedade, tampouco história. Todo conceito tem uma história e eles alimentam projetos e sistemas políticos e sociais existentes ou não. Em suas palavras

A história dos conceitos é, em primeiro lugar, um método especializado da crítica de fontes que atenta para o emprego de termos relevantes do ponto de vista social e político e que analisa com particular empenho expressões fundamentais de conteúdo social e político (Koselleck, 2006, p. 103).

Por isso, democracia, no contexto histórico brasileiro deve ser entendida como um conceito polissêmico, cujos significados sofreram profunda alteração desde sua aparição nas revoltas coloniais, passando pelo movimento da independência, depois ao longo de todo o Império, bem como na sua utilização durante as diferentes fases da história republicana. Para Koselleck existem três tipos de conceitos: os tradicionais cujo significado original é sempre resgatado, conceitos cujo significado se modificou tal como o de história e os neologismos. Importa saber como os leitores posteriores emprestam ou não significados novos aos conceitos. Citando Nietzsche, observa-se que “todos os conceitos nos quais se concentra o desenrolar de um processo de estabelecimento de sentido que escapam às definições. Só é passível de definição aquilo que não tem história (Koselleck, 2006, p. 109).

Com este projeto ambicioso, a História Conceitual vai além das propostas que encerram o pensamento social e político em termos de sincronia e diacronia, vislumbrando a simultaneidade ou não contidas em um mesmo

conceito. A *Begriffsgeschichte* toma os conceitos em meio à sua mundanização e temporalidade. Afinal, “cada palavra, mesmo cada substantivo, comprova as suas possibilidades lingüísticas para além do fenômeno particular que ela caracteriza ou denomina em certo momento” (Koselleck, 2006, p. 115).

Por fim, pode-se dizer que, a seu modo, com sua História Conceitual, Koselleck urdiu uma Teoria da História que é, ao mesmo tempo, uma meta-história, visto projetar-se acima da história como um constructo no qual se inscrevem a história da humanidade, as suas histórias e a possibilidade de existência da própria história. Como ele mesmo afirma

Toda historiografia se movimenta em dois níveis: ou ela examina fatos já articulados linguisticamente ou ela reconstrói fatos não articulados linguisticamente no passado, mas que, com a ajuda de determinados métodos e a coleta de indícios, podem ser de alguma maneira recuperados. No primeiro caso, os conceitos recebidos da tradição servem de acesso heurístico para compreender a realidade passada. No segundo caso, a história se serve *ex post* de categorias acabadas e definidas, que são aplicadas sem que possam ser identificadas nas fontes (...) Nos dois casos a história dos conceitos evidencia a diferença que predomina entre um núcleo conceitual do passado e um núcleo conceitual do contemporâneo, seja porque ela traduz o antigo uso lingüístico, ligado às fontes, de modo a defini-lo para a investigação contemporânea, seja porque ela verifica a capacidade de rendimento das definições contemporâneas de conceitos científicos (Koselleck, 2006, p. 116).

Ainda neste sentido, os liames entre a realidade histórica e os conceitos se dão em meio a quatro possibilidades fundamentais: a realidade e os conceitos permanecem estáveis ao longo do tempo, o conceito e a realidade mudam simultaneamente de modo harmônico, os conceitos mudam mas a realidade não ou, enfim, a realidade muda mas os conceitos permanecem os mesmos.⁵ Nas palavras de Koselleck

Todo conceito, parece, é portador de muitas camadas temporais. Hoje, por exemplo, pode-se usar a expressão sociedade civil com alguns traços de seu significado aristotélico ainda presentes e ainda compreensíveis. Outros muitos significados do termo tal como usado na Antiguidade, na Idade Média, e no início do mundo moderno, no entanto, terão desaparecido. O conceito, em outras palavras, tem várias camadas temporais, e os seus significados têm diferentes *durées* (Koselleck, 2006, p. 10).

5

Nascido em Görlitz em 1923 e falecido em Bad Oeynhausen em 2006, Koselleck representa para a historiografia alemã ao lado de Jörn Rüsen o lugar de figura exponencial, de uma linhagem de historiadores que se remonta a Humboldt, Ranke e Niebuhr (1776-1831), mas que passa também por pensadores como Dilthey, Weber (1864-1920) e Gadamer, responsável por construir uma obra em que a semântica de conceitos fundamentais são analisados para recuperar a experiência histórica do tempo, esclarecendo contextos histórico-sociais ao compreender a orientação dos sujeitos históricos por meio da linguagem. No âmago de seu projeto há a formulação original em torno da consciência histórica que ultrapassa os limites da antiga *Weltanschauung*, captando na relação entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativas, um elemento decisivo na compreensão da complexidade da formação, da ação e do pensamento social. Isto é obtido em meio ao binômio História-Linguagem, pois

Na relação complexa entre conceitos e realidade, entre dogmata e pragmata, a separação entre linguagem e história não implica a recusa *tout court* do caráter lingüístico constitutivo da realidade social e política, mas a busca de um modelo teórico no qual os significados lingüísticos criam, ao mesmo tempo em que limitam, as possibilidades da experiência política e social (Jasmin, 2006, p. 27)

A obra de Koselleck foi responsável pela reunião sistemática de extensas citações de fontes originais do pensamento político e social do Ocidente a partir do século XVIII, demonstrando como a linguagem moldou as profundas transformações vividas revelando a continuidade e as discontinuidades entre conceitos e realidade histórica. Nesta empreitada, Koselleck demonstrou como os conceitos passaram por um processo de historicização, de democratização, de ideologização e de politização. Evitar anacronismos e a utilização superficial e vaga do termo idéias são, entre outros, uma decisiva contribuição para o conhecimento histórico e social contemporâneos.

É preciso ainda dizer que, para além do diálogo próximo com Gadamer, Koselleck tem dívida expressiva com a hermenêutica filosófica heideggeriana, entendendo toda compreensão como sendo temporal, intencional e histórica, portanto como uma expressão da facticidade. Ele mesmo refere-se a isso quando diz que “os tempos da história não são idênticos e nem sequer derivados inteiramente das modalidades existenciais desenvolvidas no homem como *Dasein*” (Koselleck, 1997 :73). E prossegue, dizendo que

a existência humana é um *Dasein* histórico, porque está sempre orientada para a compreensão de um mundo que é por sua vez apreendido e constituído lingüisticamente ao mesmo tempo (Koselleck, 1997, p. 86).

Essa percepção heideggeriana é que o levou às metacategorias de matar e morrer, de amigo e inimigo, de interior e exterior, das geracionalidades e de senhor e escravo (Koselleck, 1997, p. 80s). De todo modo, na conferência intitulada *História e hermenêutica* que proferiu durante as comemorações do 85º aniversário de Gadamer, Koselleck restituiu a compreensão para o interior da História ao dizer que ela é sempre determinada pelo tempo, indicando que nem sempre os textos são condicionadores dos significados. De Gadamer ele extrai a noção de que a relação dos conceitos com a linguagem é também um problema de crítica e de pesquisa lingüística, ou seja

Os conceitos (...) não podem viver sem a proteção de uma tradição que, como conjunto de práticas discursi-

vas, os acolhem e fecundam. Mas as práticas discursivas se jogam realmente em contextos de outras práticas que Koselleck colocará em destaque (Villacañas, 1997, p. 20).

A história dos conceitos representa inegável avanço em relação à história das idéias ou à História Intelectual, bem como representa uma nova maneira de se pensar o método compreensivo ao constituir uma teoria e uma metodologia específica para se investigar a relação entre as palavras, os indivíduos e as coisas. A este respeito, Koselleck é enfático:

Conceitos são registros da realidade, mas também fatores de mudança da própria realidade. Com os conceitos se estabelece tanto o horizonte da experiência possível quanto os limites desta (Villacañas, 1997, p. 21).

Estas reflexões e categorias o conduziram ao esclarecimento da consciência moderna do tempo e do pensamento ocidental contemporâneo. Pois, “entre a hipertrofia do futuro e a atrofia do passado, o presente se diluiu em um tempo de trânsito perenemente frágil, em um *regressus/progressus ad infinitum*” (Koselleck, 2003b, p. 25). Como diriam Villacañas e Oncina, Koselleck realiza uma virada hermenêutica enquanto Skinner e Pocock uma virada lingüística. Ao que tudo indica Koselleck toma os conceitos como índices no sentido nietzscheano, pois eles são constituídos em meio à própria experiência histórica que em suas lutas expressam também lutas semânticas. Ou seja,

O conceito constitui um índice de um espaço de experiência que foi se formando desde seu aparecimento inicial no direito canônico e que, como temos comprovado, segue em busca de novos contornos, o que lhe confere também uma dimensão propulsora (Koselleck, 2003b, p. 16).

É preciso sublinhar que a História dos Conceitos não trata somente dos estratos semânticos dos termos, ela busca relacioná-los às discontinuidades históricas e aos contextos sociais de sua produção, articulando-os à experiên-

cia acumulada e aos horizontes de expectativas associados a cada conceito. Esta tripla aproximação – cultural, pragmática e semântica – responde a um tratamento mais sistemático conferido às idéias, que não se limita ao político ou ao lingüístico e permite investigar mais claramente as mudanças e as identidades constituídas pelos sujeitos históricos.

Concluindo, ironicamente, o próprio Koselleck alerta que História Conceitual ainda não se atreveu a fazer a discussão sobre sua autoconstituição no tempo, não se submeteu a sua própria crítica. E revela que, sob a aparente soberba, teve a humildade de reconhecer certas suspeitas e de confessar comprometimentos ideológicos de seus pioneiros⁶. De todo modo a História Conceitual expandiu-se da Alemanha para o mundo escandinavo, Holanda, França, no projeto *Euroconcepts*, chegando também à América através do *Iberconceptos* – Projeto e Rede de Investigação em História Conceitual Comparada do Mundo Iberoamericano – que reúne pesquisadores da Espanha e da América Latina, que tem no Brasil um conjunto expressivo de pesquisadores. No IUPERJ está sediada a revista internacional *Contributions* que representa este projeto e se encontra em seu oitavo número.

Referências

- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- CONZE, Werner, BRUNNER, Otto e KOSELLECK, Reinhart Koselleck (org). *Geschichtliche Grundbegriffe: Historisches Lexikon zur Politisch-Sozialen Sprache in Deutschland*. Stuttgart: Klett. 1972, 2v.
- DILTHEY, Wilhelm. *El mundo histórico*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1978.
- JASMIN, Marcelo G. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 20, n. 57, 2005.
- JASMIN, Marcelo G. & FERES JUNIOR, João. História dos conceitos: dois momentos de um encontro intelectual. In: *História dos conceitos*. Rio de Janeiro: Puc: Loyola, 2006.

KIRSCHNER, T. B. A reflexão conceitual na prática historiográfica. *Textos de História*, v.15, n.1/2, 2007.

KOSELLECK, R. *Estratos del tiempo*. Barcelona: Paidós, 2003.

KOSELLECK, R. *Aceleración, prognosis y secularización*. Valência: Pré-Textos, 2003.b

KOSELLECK, R. *Futuro pasado*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KOSELLECK, R. *História y hermenêutica*. Barcelona: Paidós, 1997.

KOSELLECK, R. *História, história*. Madrid: Trotta, 2004.

KOSELLECK, R. *The practice of conceptual history: timing history, spacing concepts*. Stanford: Stanford University Press, 2002.

KOSELLECK, R. Richtlinien für das Lexikon politisch-sozialer Begriffe der Neuzeit. *Archiv für Begriffsgeschichte*, 11, p.81-99, 1967.

KOSELLECK, R. Some reflections on the temporal structure of conceptual change. In: MELCHING, W. & VILEMA, W (Org). *Main currents in cultural history: ten essays*. Amsterdã: Rodopi, 1994.

PALTI, Elias José. Introduccion. In: KOSELLECK, R. *Estratos del tiempo*. Barcelona: Ediciones Paidós, 2003.

SHEEHAN, James J. Begriffsgeschichte: theory and practice. *The Journal of Modern History*, v.50, n.2, p.312-319, 1978.

VILACAÑAS, José L. & ONCINA, Faustino. Introducción. In: KOSELLECK, R. & GADAMER, Hans-Georg. *História y hermeneutica*. Barcelona: Paidós, 1997, p.20.

REICHARDT, Rolf & Hans-Jürgen Lüsebrink (Org). *Handbuch politisch-sozialer Grundbegriffe in Frankreich 1680–1820*. München: Oldenbourg, 1985.

RÜSEN, Jörn. Historische und Semantik Begriffsgeschichte (resenha). *The Journal of Modern History*, v.54, n.2, p. 326-328, 1982.

Notas

¹ Professor adjunto de Teoria e Metodologia da História do Departamento de História na Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: juliobentivoglio@gmail.com.

² Existem outros nomes importantes como os de Anthony Pagden, James Tully, Richard Tuck e John Dunn. Ver JASMIN, Marcelo G. & FERES JUNIOR, João. História dos conceitos: dois momentos de um encontro intelectual. In: _____. *História dos conceitos*. Rio de Janeiro: Puc: Loyola, 2006, p.12.

³ Ver a este respeito KOSELLECK, R. *História, história*. Madrid: Trotta, 2004.

⁴ Cf. KOSELLECK, *Estratos del tiempo*. Barcelona: Paidós, 2003.

⁵ Ver KOSELLECK, R. Some reflections on the temporal structure of conceptual change. In: MELCHING, W. & VILEMA, W (Org). *Main currents in cultural history: ten essays*. Amsterdã: Rodopi, 1994, p.9.

⁶ Koselleck refere-se à descoberta de textos pró-nazismo redigidos por Otto Brunner e por Werner Konze que lhes auferiram melhores posições na universidade, conferindo respaldo científico ao pangermanismo.